

22.

IGREJA DO SALVADOR DE CABEÇA SANTA



Largo P. Carlos P. Soares
Cabeça Santa
Penafiel



41° 7' 55.39" N
8° 16' 48.14" O



918 116 488



Sáb. 18h30
Dom. 8h



Divino Salvador
6 agosto



Monumento Nacional
1927



P. 25



P. 25



x

Uma visita à Igreja do Salvador de Cabeça Santa é um excelente motivo para compreender a arquitetura românica portuguesa. As soluções adotadas acusam as influências da sé do Porto e da igreja de São Martinho de Cedofeita, na mesma cidade, demonstrando como a itinerância das equipas de artistas favoreceu a viagem das formas.

Nas *Inquirições de 1258*, a Igreja é já referida sob a designação “do Salvador da Gândara”, denominação que irá manter até ao século XVII, quando começa a surgir também intitulada de “Cabeça Santa”, em referência a um crânio guardado em relicário de prata e exposto em altar próprio na nave da Igreja.

O arranjo dos portais e a escultura dos capitéis são muito semelhantes aos da igreja de São Martinho de Cedofeita, que, por sua vez, apresenta soluções decorativas muito próximas das que foram utilizadas na construção românica da sé portuense. A escultura arquitetónica de Cabeça Santa resulta, assim, da combinação de modelos de direta influência francesa, de modelos próprios da região do Porto e, ainda, de modelos inspirados e influenciados pela escultura pré-românica.



As influências da sé do Porto e da igreja de Cedofeita indiciam que esta Igreja paroquial deverá datar das primeiras décadas do século XIII.

Os portais laterais, que quase todas as igrejas românicas portuguesas apresentam, tinham um valor de uso muito maior do que o portal principal. É pelos portais laterais que se entra e sai nos serviços quotidianos. O portal principal, mais largo e monumental, onde há uma maior concentração de escultura, era destinado primordialmente à saída e entrada das procissões, momentos de maior raridade e solenidade do calendário litúrgico.

Na construção religiosa da época românica, o portal ocidental era concebido como Porta do Céu ou como Pórtico da Glória. A vontade de proteger as entradas das igrejas, bem como o espaço cemiterial que muitas vezes lhes estava fronteiro, concretizou-se na representação de temas sagrados nos portais, mas também na inclusão de outros elementos, como a escultura de animais assustadores ou pode-

rosos, e de sinais de valor mágico, ou seja, motivos escultóricos como cruzes e rodas solares, capazes de defender as entradas e de proteger a igreja de todos os males.

É com este sentido que, na Igreja de Cabeça Santa, o portal ocidental apresenta um tímpano onde assentam cabeças de bóvidos. Nos capitéis há aves afrontadas, num esquema bem ao sabor românico, que adapta a figuração à peça da arquitetura (capitel). Num dos capitéis figura um personagem deitado e agarrado pela boca de um animal, reportando-se à ideia do homem aprisionado pelo pecado.

Na fachada sul permanecem mísulas e um lacrimal que testemunham a presença de um alpendre com telhado de uma água. Estes alpendres que se encostavam às fachadas laterais das igrejas e, por vezes, à fachada principal, como no caso da Igreja do Mosteiro de Ferreira (Paços de Ferreira) (p. 66), destinavam-se a variadas funções. Constituíam espaços destinados a cemitérios e à celebração de rituais funerários, bem como a locais de reunião e de abrigo.

A RELÍQUIA

Apesar de desconhecida a personagem santa a que pertenceu a relíquia, a verdade é que a sua fama de milagreira, intercessora de várias doenças e das mordidas de cães raivosos, atraiu a devoção e a peregrinação dos fiéis, que a veneravam no dia de São João Baptista, rogando ou agradecendo os milagres.

Jorge Cardoso, no *Agiológio lusitano...*, obra editada em 1666 com a intenção de esclarecer a verdadeira atribuição da relíquia, descreve: "O nome que teve o celestial varão nos escondeo o tempo, mas o demónio o divulgou há bem pouco. Foi o caso que aplicada esta veneranda relíquia a um energúmeno, dizendo-lhe que era do glorioso Baptista, respondeu o inimigo por sua boca: Enganaste que não é sua, mas de outro santo homem, que teve o mesmo nome. E posto que o demónio é pai da mentira, contudo muitas vezes fala verdade em semelhantes casos, por permissão divina".

O mesmo autor regista a existência e a veneração a 37 cabeças santas existentes em Portugal, no século XVII. Na Idade Média, os crânios atribuídos a mártires e santos, supostos ou verdadeiros, constituíam uma das relíquias de maior apreço, fenómeno que perdurou largamente durante a Época Moderna.

Na época românica, a igreja era, habitualmente, o edifício mais nobre de uma paróquia. Para além das funções sacras e litúrgicas, junto à igreja – polo aglutinador da freguesia – desenrolavam-se muitas das atividades quotidianas da população, como reuniões, atos notariais e trocas comerciais, que o espaço dos alpendres albergava.

No adro da Igreja, em afloramento granítico, subsistem três sepulturas escavadas na rocha. Encostados ao muro, a sul da Igreja de Cabeça Santa, encontram-se

ainda três sarcófagos medievais com as respetivas tampas.

O interior da Igreja apresenta-se-nos hoje quase totalmente despojado de cor, de altares, de pinturas, de imagens ou de outro tipo de mobiliário litúrgico e devocional. No arco cruzeiro, os capitéis, também muito semelhantes aos de São Martinho de Cedofeita, constituem o único aspeto decorativo.

O que ressalta, tanto na nave, como na cabeceira, é o aparelho granítico de boa qualidade, como é habitual no românico



português. Contudo, cabe aqui observar que este aspeto de total sobriedade resulta de uma campanha de restauro do século XX.

O nosso tempo é depositário de uma imagem muito afastada da realidade, no que diz respeito à arquitetura românica. Equivocamente, o arquétipo de uma igreja medieval anda sempre associado, na nossa cultura, à sobriedade, à ausência de cor, à estima pela pedra à vista. No entanto, esta ideia é profundamente errada. As igrejas despidas e monocromáticas são, mental e devocionalmente, inconcebíveis na Idade Média.

A atualmente denominada capela de Nossa Senhora do Rosário, cujo acesso se realiza a partir da nave da Igreja, define um espaço autónomo de planta retangular e é um marco distintivo da transformação da estrutura medieval. Segundo documentação datada do ano de 1758, sabe-se que era então denominada capela do Santíssimo Sacramento, uma invocação que em muito explica a sua edificação na nave desta Igreja.

Do ponto de vista decorativo, este espaço apresenta-se bastante equilibrado e requintado no que toca à linguagem adotada: o gosto estético próprio do barroco

português está presente sobretudo na peculiar associação entre a talha dourada, o revestimento azulejar e a madeira em pau-preto com aplicações em metal amarelo das grades torneadas que marcam a separação desta capela relativamente à nave da Igreja.

O projeto inicial, desenvolvido pela Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, previa a remoção da torre sineira adossada ao imóvel, mas a sua demolição colidia com os interesses da população local, o que levou a optar pelo seu desmonte e reconstrução, junto ao limite do adro.

O mesmo projeto visava também a demolição da capela de Nossa Senhora do Rosário, anexa ao corpo da Igreja. Embora esta fosse um elemento datado da Época Moderna, tal como a torre sineira, optou-se pela sua manutenção, uma vez que representava um testemunho do esforço construtivo do povo e um elemento de identidade e de memória locais.

Os trabalhos de restauro da capela incidiram na reparação e douramento da talha, reposição dos elementos de talha em falta, recolocação de azulejos, restauro de peças em pau-preto e construção das pilstras no arco.

